

# ***THE SILENCE OF OUR FRIENDS: UM ROMANCE GRÁFICO SOBRE ALTERIDADE E RESPONSABILIDADES CÍVICAS***

LUNA, Rossana Paulino (PET-Letras)

Universidade Federal de Campina Grande

Orientador: SILVA, Suênio Stevenson Tomaz

Universidade Federal de Campina Grande

## **RESUMO**

O presente artigo busca apresentar *The silence of our friends* (LONG et al. 2012), um romance gráfico infanto-juvenil e semiautobiográfico narrado pela perspectiva do autor Mark Long, enquanto criança, cujo pai – um repórter de televisão do Texas – fazia cobertura das lutas pelos direitos civis em 1968. O livro procura mostrar que mesmo os não vitimados estão longe da isenção da responsabilidade em promover a revolução necessária em direção a uma sociedade mais humanamente consciente. Além disso, a obra procura retratar o quão os filhos são influenciados pelos pais no que toca este aspecto. Pelas linguagens verbal e visual, *The silence of our friends* eleva inquietações e reflexões na mente dos leitores sobre a temática ainda não esgotada da alteridade, a qual não deve ser esquecida ou ignorada.

## **INTRODUÇÃO**

“No fim, nós lembraremos não das palavras dos nossos inimigos, mas do silêncio dos nossos amigos”. Morreu há mais de quatro décadas o homem que proferiu essas palavras, Martin Luther King, um dos grandes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, que com essas palavras despertou em muitos para o fato de que a luta pela desigualdade não pode ser apenas batalhada pelas vítimas. É desta passagem que os autores Mark Long e John Demonakos tomam emprestado o título do romance gráfico *The Silence of our Friends*<sup>1</sup>.

O livro tem como matéria-prima as experiências que Mark Long, enquanto criança, com o movimento dos direitos civis, na cidade de Houston, no Texas, EUA. *The Silence of our Friends* foi lançado em 2012 e foi ilustrado por Nate Powell,

---

<sup>1</sup> Tradução: O silêncio dos nossos amigos.

ganhador do prêmio *Eisner Award*<sup>2</sup>. A história é ambientada na década de 60 e segue as tribulações pelas quais passaram a família de Long, residente de um bairro marcado pelo racismo, e a família de Larry Thomas, que habitava em um dos bairros mais carentes da cidade.

Pelas linguagens verbal e visual, *The Silence of our Friends* iça das profundidades inquietações e reflexões sobre a temática ainda não esgotada da alteridade, a qual não deve ser olvidada. Além disso, a obra ilustra o fato de que, muito embora, a sociedade como um todo tenha certo poder em moldar a mente das crianças, é no núcleo familiar que serão dados os exemplos que solidificarão o alicerce moral e ético das mesmas.

Diante dessa contextualização, fica posto que o presente artigo procura oferecer uma leitura da obra *The Silence of our Friends* (LONG *et al.* 2012), comentando seus temas e pensando na dinâmica que se estabelece entre as linguagens verbal e não-verbal na estruturação da narrativa, partindo da premissa que a ausência de palavras pode ser tanto quanto ou (em ocasiões) mais eloquente do que a presença delas.

Com esse objetivo em mente, levaremos o texto adiante com uma breve discussão teórica no tocante às HQ ou Romances Gráficos; em seguida, traremos um resumo da obra aqui analisada, ao mesmo tempo em que frisaremos alguns aspectos e momentos da narrativa que consideramos dignos de nota. Ao final do trabalho, traremos algumas considerações sobre a importância desta obra para a literatura norte-americana.

## 1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE HQ

Antes de partimos para a análise da obra, algumas colocações sobre a arte sequencial se fazem necessárias. Como escreve Luna (2013, p. 867): “As Histórias em Quadrinhos (HQ), ou *graphic novels*, constituem-se em uma categoria que vem se renovando dentro de uma produção que não tem mais apenas valor de entretenimento, mas também literário”, muito embora esse fato ainda não seja reconhecido por todos.

---

<sup>2</sup> Prêmio considerado como o Oscar da indústria dos Quadrinhos pela crítica especializada da área.

Segundo Brenner (2007, p. IX), os romances gráficos ainda estão “lutando por aceitação como literatura e tudo que este rótulo implica<sup>3</sup>” (BRENNER, 2007, p. IX). Não obstante, Brenner (op. cit.): traz-nos à luz o conhecimento da advocacia de bibliotecários, autores de quadrinhos, editores, revisores e outros advogados a favor do gênero em questão, o que está finalmente suscitando progressos no que diz respeito à comprovação da qualidade destas obras. De forma que já se nota nos Estados Unidos um “[...] crescente reconhecimento da variedade e da qualidade do trabalho que é produzido no meio [...]” (BRENNER, id. ibid., p. IX)<sup>4</sup>.

Como Brenner (2007) coloca: “Quadrinhos e *graphic novels* são excelentes exemplos de uma fusão de letramento visual com o letramento tradicional baseada em texto” (p. XIV), de forma que hierarquizar as duas linguagens (verbal e não verbal) não é possível nestas obras, o que precisamos é constatar que a dinâmica na qual elas se engajam para que a história seja contada. O que pode ser desafiador, considerando o quão recente é o desalojamento da escrita enquanto a linguagem central na comunicação pública (KRESS, 1999, p. 182). É neste fato que jaz a força de atração que as HQs exercem sobre os jovens, que de acordo com Brenner (2007), por já terem nascidos no mundo multimídia, adquirem esse conhecimento instintivamente; ao passo que para os mais velhos, a bem sucedida leitura de obras em arte sequencial é uma habilidade adquirida.

Além disso, romances gráficos são narrativas caracterizadas por “[...] sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas” (CIRNE, 2000, *apud* MENDONÇA, 2002, p. 195). Assim, precisamos lembrar que antes de servir como moldura para a história, a diagramação, estruturação e até mesmo as cores da HQ são elementos que guiarão o leitor dentro da narrativa.

Posto isso, daremos continuidade ao trabalho, oferecendo uma visão geral do enredo do livro *The Silence of our Friends* para que os leitores possam se familiarizar com a obra.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Texto original: “Graphic novels as a format are still struggling for acceptance as literature and everything that label implies”<sup>3</sup> (BRENNER, 2007, p. IX). Todas as passagens do texto de Brenner (2007) aqui apresentadas, bem como as de Kress (1999), foram traduzidas por Rossana Luna para este trabalho.

<sup>4</sup> Tradução nossa. Texto original: “[...] the growing recognition of the variety and quality of work that is produced in the medium is heartening.” (BRENNER, id. ibid., p. IX)

## 2 ALTERIDADE E RESPONSABILIDADES CÍVICAS

Como foi afirmado anteriormente, um dos temas do livro aqui em análise é a questão da alteridade. O termo “alteridade” como Molar (2009) aponta ainda é uma noção em construção. Campos de estudo diversos atribuem diferentes conceitos à palavra, porém estas definições não são excludentes, ao contrário, se completam:

Para a Psicologia, alteridade se refere ao “o conceito que o indivíduo tem segundo o qual os outros seres são distintos dele. Contrário a ego” (Dicionário de psicologia, 1973, p. 75). Já para a filosofia: “do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (MOLAR, 2009, p. 1144):

Como ainda coloca o referido autor: “[...] alteridade [...] presume uma convivência democrática e igualitária entre diferentes grupos” (MOLAR, 2008, p. 1145).

Assim, tratar alguém com alteridade requer que as pessoas ajam de forma condizente com suas responsabilidades cívicas. Uma vez que o livro se passa nos EUA, a concepção de responsabilidade cívica assumida neste artigo é a que é concebida naquela sociedade. Sobre o assunto, Jennifer Self (2014) escreve:

Responsabilidade cívica é a “responsabilidade de um cidadão” (Dictionary.com). Composta de ações e atitudes associadas ao governo democrático e de participação social. Responsabilidade cívica pode incluir a participação no governo, igreja, voluntariados e membros de associações voluntárias. Ações de responsabilidade civil podem ser exibidas em defesa de várias causas, tais como políticas, econômicas, civis, ambientais ou questões de qualidade de vida.<sup>5</sup>

Como aponta Robert Dallah, em seu livro *Habits of the Heart* (1986), ser cidadão também envolve ser generoso:

Generosidade de espírito é [...] a capacidade de reconhecer uma interconectividade - suas dívidas para com a sociedade - que une um aos outros, quer se aceite ou não. É também a capacidade de se envolver no cuidado que nutre essa interligação. É uma virtude pela

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. Texto original: “Civic Responsibility is defined as the “responsibility of a citizen” (Dictionary.com). It is comprised of actions and attitudes associated with democratic governance and social participation. Civic responsibility can include participation in government, church, volunteers and memberships of voluntary associations. Actions of civic responsibility can be displayed in advocacy for various causes, such as political, economic, civil, environmental or quality of life issues”.

qual todos devem se esforçar [...]”<sup>6</sup> (BELLAH, 1986, *apud* BOYTE e KARI, 1996).

Além disso, como está escrito na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776): “todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade”. Portanto, entendemos ainda que faz parte das responsabilidades civis tratar todos os homens como iguais, com generosidade, em busca do respeito mútuo e não se esquivar do nosso encargo social de agir em defesa daqueles a quem seus direitos não estão sendo resguardados.

### **3 THE SILENCE OF OUR FRIENDS: NÃO DEVE HAVER CONTRASTE ENTRE OS DIREITOS HUMANOS**

Na capa do livro lê-se “A luta pelos direitos civis nunca foi preta e branca”, prenunciando seu conteúdo. A narrativa se passa na segunda metade da década de 60, quando as manifestações em prol do fim da segregação e humilhação das suas vítimas em Houston (Texas) estavam tomando conta até mesmo das universidades, e os combates entre os simpatizantes e não simpatizantes da causa estavam se tornando violentos.

Como escreve o próprio autor da obra em posfácio a narrativa, no ano de 1967 “[...] o crisol da tensão racial em Houston era a Avenida Wheeler<sup>7</sup>” (LONG, 2012, p. 196). A Avenida Wheeler, como Long completa, cruzava o coração da *Texas Southern University* (TSU), universidade historicamente afro-americana, cujos estudantes, não raro, eram atacados verbal e fisicamente por racistas que atravessavam em automóveis a avenida.

Long ainda nos conta – e mostra – que foi na Avenida Wheeler que nasceu a amizade entre Jack Long (o pai de Mark Long) e Larry Thomas. Larry trabalhava como editor da publicação “*The Voice of Hope*”<sup>8</sup>, lançado pela *Human Organizational Political and Economic (HOPE) Development* e também era um engajado ativista que

---

<sup>6</sup> Tradução nossa. Texto original: “Generosity of spirit is thus the ability to acknowledge an interconnectedness—one’s debts to society—that binds one to others whether one wants to accept it or not. It is also the ability to engage in the caring that nurtures that interconnectedness. It is a virtue that everyone should strive for [...]”.

<sup>7</sup> Tradução nossa. Texto original: “[...] the crucible of racial tension in Houston was Wheeler Avenue”.

<sup>8</sup> Tradução: A Voz da Esperança.

procurava assegurar os encontros da *Student Nonviolent Coordinating Committee*<sup>9</sup> (SNCC) no campus da TSU, uma das mais importantes organizações defensoras dos direitos civis da década em questão – a qual era constantemente atacada pela mídia o que a tornou hostil para com os jornalistas.

Em uma de suas reuniões frustradas e suprimidas na TSU, alguns dos estudantes se voltaram contra Jack, que estava no local cumprindo suas funções de repórter. Larry apaziguou os estudantes e os convenceu da confiabilidade de Jack. A partir de então, Jack e Larry passaram a travar relações.

Nessa conjuntura, era perigoso tanto para brancos quanto para negros travar amizade fora de suas etnias. Mark Long (2012, p. 197) explica que “[...] havia uma possibilidade real de violência, especialmente em nosso bairro, Sharpstown, onde a Ku Klux Klan deixava folhetos fazendo publicidade de comícios na nossa maçaneta frontal”<sup>10</sup>.

Apesar disso, a amizade de Jack e Larry se estabeleceu e se estendeu entre os demais membros da família, na ocasião da primeira visita dos Thomas ao lar de Mark Long. Neste dia, a residência do autor se tornou o centro das atenções da rua. As crianças, a princípio acanhadas, logo deram vazão a sua curiosidade, mostrando fascínio pelos traços externos diferentes uma das outras:



Figura 1 – Long et al. (2012, p. 107)

<sup>9</sup> Tradução: Comissão de Coordenação Estudantil Não-Violenta.

<sup>10</sup> Tradução nossa. Texto original “[...] There was a real possibility of violence, especially in our neighborhood, Sharpstown, where the Ku Klux Klan left fliers advertising rallies rubber banded in our front doorknob”

Este momento da narrativa é revelador, pois indica que as barreiras invisíveis entre as etnias eram, na verdade, barreiras internas que poderiam vir abaixo de acordo com a vontade daqueles que as ergueram. As crianças começam a se enxergar na condição do outro e a se abrir para as diferenças, ao invés de rejeitá-las.

Durante a narrativa, a perseguição que Larry e sua família sofria, também passa a ser vivida pelos Long. Na Figura 2, vemos Larry voltando para casa quando alguém grita “Volte para a África”, já na Figura 3 está retratado o atropelamento premeditado de CC (apelido para Cecília), a filha de Larry. Em seguida, na Figura 4, vemos o pai de um dos garotos da rua em que morava Mark rindo-se do menino por ele ter sido espancado por outro garoto chamado Bubba, ele insinua que eles não deveriam ficar surpresos com o tratamento, insinuando que isto era uma consequência natural e aceitável já que eles estavam se aliciando ao pessoal de cor:



Figura 2 - Long et al. (2012, p. 34)



Figura 3 - Long et al. (2012, p. 87)



Figura 4 - Long et al. (2012, p. 158)

Pouco depois do início da amizade entre de Larry e Jack, a SNCC foi banida do campus da TSU, e os estudantes se rebelaram contra o fato, promovendo um boicote as aulas. Todavia, os protestos continuaram; um deles, que reivindicava melhores condições para um depósito de lixo em uma cidade próxima, teve graves consequências.

O livro nos mostra os manifestantes sentados pacificamente formando uma barreira contra o avanço da polícia, que começa a agredi-los gratuitamente e a prendê-los. Larry Thomas também é agredido e encarcerado, enquanto Jack (que estava fazendo a cobertura do protesto) observa a cena sem manifestar qualquer reação, fugindo de sua responsabilidade enquanto amigo e cidadão de pôr um fim ou denunciar os abusos que o amigo sofrera.

Apesar de todo o conflito representado nesta cena ser importante para o desenvolvimento da história, o que se percebe é que o clímax da cena é o momento em que Larry clama pela ajuda do amigo e este se faz de surdo para os apelos dele. Esta é a cena que dá nome ao livro e é possível entender o que o personagem Larry sente neste momento: provavelmente, a traição de Jack lhe doeu mais do que os golpes da polícia, pois da polícia ele já esperava uma reação hostil, no entanto, de um amigo o que se espera é lealdade. O que mais o marca não são as agressões verbais ou físicas dos seus inimigos, mas a omissão do seu amigo.

À medida que a cena prossegue, vemos um policial que estava no local é baleado, um tiroteio segue o acontecido, agenciado por 200 policiais que dispararam contra o dormitório masculino da TSU. Quando um dos policiais é morto, o dormitório é invadido e 489 estudantes são levados para a prisão, segundo especifica Mark Long no posfácio do livro.

O autor também revela que no dia seguinte, houve a soltura de 484 estudantes. A soltura de Larry sob fiança é retratada no livro (p. 147); porém, cinco dos estudantes continuaram presos e a morte do policial lhes é imputada. Entre eles, apenas um é levado a julgamento, no qual Larry Thomas advoga em favor dos estudantes e Jack participa como testemunha. O depoimento de Jack revela que o oficial fora baleado acidentalmente por um de seus companheiros. Os estudantes são declarados não culpados e a amizade de Larry e Jack – que estava abalada pela inanição de Jack diante da injustiça para com o amigo – é reestabelecida.

As cenas finais do livro retratam o anúncio da morte de Martin Luther King, e as famílias Thomas e Long em uma marcha pacífica, como as que King costumava encabeçar.

O exemplo de Jack desperta toda a família para a necessidade de assumir sua responsabilidade de lutar pelos “direitos inalienáveis” que a Declaração de Independência dos Estados Unidos garante a “todos”, mesmo que não sejam eles os vitimados. A família Long assume, então, sua responsabilidade de participar na revolução necessária em direção a uma sociedade mais humanamente consciente.

### 3.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA

É fato que a intolerância já fez muitas vítimas no mundo. A narrativa de Long busca fazer um retrato pessoal do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Sendo a luta pela igualdade o principal tema do livro. Além disso, Long parece querer trazer à tona os heróis ocultos, aqueles que se ergueram contra a ordem vigente da sociedade, ao mesmo tempo em que mostra que muitos desses ocultos heróis não eram irrepreensíveis em todos os seus atos. Long evidencia que foram os seus gestos que firmaram a revolução social pela aceitação do outro, a qual se deu e se dá todos os dias até hoje – não só nos Estados Unidos, como também no mundo.

Jack foi um desses heróis que a história não registou, cujo principal ato de bravura foi mostrar aos filhos que não é a cor da pele que dita o respeito que se deve dispensar sobre uma pessoa – como se vê neste momento do livro em que Jack expulsa um velho amigo de casa por estar denegrindo a imagem dos afrodescendentes para seus filhos:



Figura 5 - Long et al. (2012, p. 119)

No decorrer da narrativa, o exemplo de Jack influencia principalmente a Mark, que passa de um garoto que demonstra resistência a travar amizade com negros para alguém que os respeita e toma parte em sua luta:



Figura 6 - Long et al. (2012, p. 40)



Figura 7 - Long et al. (2012, p. 41)



Figura 8 - Long et al. (2012, p. 187)

Na Figura 7, Jack está levando Mark consigo ao ir cumprimentar um amigo e Mark pergunta se o amigo é um “preto”; Jack confirma e pergunta se o filho não aprova a amizade. Mark responde relutantemente que sim, como pode ser observado na Figura 8, as expressões faciais do personagem revelam uma batalha interna. O garoto neste momento está passando por um período de conflito, pois a sociedade prega uma ideia, mas seu pai ensina outros valores. Ao final do livro, porém, ele toma o partido de seu pai. Na figura 9, Larry, Mark e CC marcham lado a lado em memória de Martin Luther King e dos valores que ele pregava. Portanto, ao final da narrativa, Jack conseguiu mostrar ao filho que uma “[...] convivência democrática e igualitária entre diferentes grupos” (MOLAR, 2008, p. 1145) era algo pelo qual se precisava lutar.

Finalmente, avigoramos que o livro também deixa explícito que não há amizade sem honra: o momento em que Jack trai Larry por omissão ratifica tal questão. Jack se redime com o amigo ao levantar-se perante a injustiça feita contra os estudantes a que Larry defendia, e, por extensão, a todas as pessoas da parcela negra da população americana – pois não muitos teriam a coragem de protegê-los, mesmo que seu amparo fosse apenas arcar com a responsabilidade de trazer a verdade sobre o incidente à tona.

Tal ato colocou os estudantes como vítimas e os policiais como os violadores do bem-estar dos manifestantes.

## 2.2 UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

Uma das primeiras considerações a ser feita sobre o apelo visual de *The Silence o four Friends* são as escolhas das cores. A coloração do livro (com exceção da capa) foi feita em escala de cinza, o papel é amarelado e evoca a aparência e textura do papel utilizado em jornais, atribuindo ao livro um aspecto documental.

A diagramação do protesto na Avenida Wheeler, na qual o policial é baleado, também apresenta alguns aspectos dignos de nota:

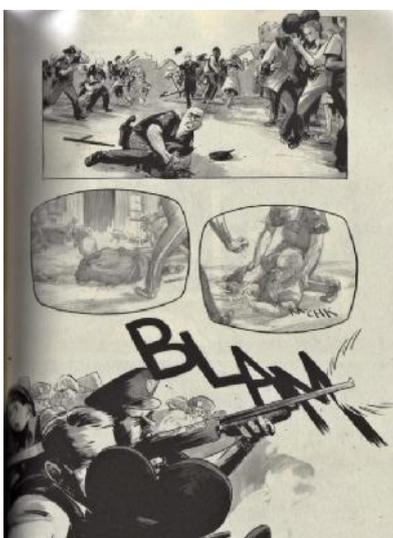


Figura 9- Long et al. (2012, p. 133)



Figura 10- Long et al. (2012, p. 137)

Como se pode observar, as imagens se alternam entre quadros típicos da arte sequencial com quadros em formato de telas das televisões antigas. Na ocorrência da Figura 10, o que se nota é que o ilustrador pode ter ambicionado demonstrar que a visão de Jack Long do cenário era mais abrangente do que a câmera pode revelar, nos televisores da casa o que apareceu foi um fato isolado – que não revelava toda a gravidade e tumulto da cena. Demonstrar essa discrepância entre o que Jack via e o que o público visualizava se mostrou fundamental para um dos momentos que seguem essa cena: o julgamento do estudante da TSU. Pois não havia evidência fílmica que comprovasse que o estudante matara o policial, mas Jack como testemunha ocular confirmou que o policial foi vítima da bala que ele mesmo disparara.

Já na Figura 11, uma das razões que podem ter influenciado as escolhas do ilustrador pode se referir a impassibilidade de Jack perante a agressão ao amigo, neste momento, ele se torna um observador e não alguém que está inserido na cena.

As cenas finais do livro também apresentam uma metáfora visual:



Figura 11 - Long *et al.* (2012, p. 191)

Como já foi explicitado, o livro termina com uma marcha pacífica em prol dos direitos civis dos negros. As imagens acima mostram os pés dos marchantes começando a, gradualmente, se elevar do chão. Na língua inglesa, a expressão “*get off the ground*” (isto é: sair do chão) é usado com a conotação de dar início a algo<sup>11</sup>.

Como escreve Fernanda Barbosa ao Jornal Folha de São Paulo, a morte de Martin Luther King deu força ao movimento negro nos EUA: “Em reação à morte do líder, milhares de negros protestaram em dez Estados norte-americanos, pedindo igualdade de direitos, justiça e paz [...]”.

Em um dos seus mais famosos discursos, Martin Luther King disse:

Não nos arrastemos pelo vale do desespero. Digo hoje a vocês, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Eu tenho um sonho de que um dia esta nação vai se levantar e viver o verdadeiro significado de sua crença: ‘Consideramos essas verdades auto-evidentes: que todos os homens são criados iguais’. Eu tenho um sonho de que um dia, nas montanhas da Geórgia, os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos donos de escravos serão capazes de sentarem-se juntos à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho de que meus quatro filhos um dia viverão numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas sim pelo conteúdo de seu

---

<sup>11</sup> Fonte: The Free Dictionary.

caráter (...). Quando permitirmos que a liberdade ecoe, quando permitirmos que ela ecoe em cada vila e cada aldeia, em cada estado e cada cidade, seremos capazes de avançar rumo ao dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar as mãos e cantar as palavras da velha cantiga negra, 'Enfim livres! Enfim livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, enfim estamos livres!'

Embora não apareça na HQ, o que se nota é que o pivô da história narrada é o sonho de igualdade de Martin Luther King; seu sonho que é, na verdade, a pressuposição que está no âmago do termo alteridade, isto é, que ela envolve a convivência democrática entre os diversos grupos. O livro termina, então, com uma mensagem de esperança, a de que o sonho de Martin Luther King estava mais próximo de ser alcançado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o que foi exposto até agora, esperamos ter demonstrado a importância da HQ *The Silence of our Friends* no que toca ao avivamento das discussões sobre a necessidade de não só respeitar aqueles que estão à margem da sociedade, mas também de sermos ativos na luta pela igualdade. Afinal, não há quem esteja isento quando a questão é construir uma sociedade que acolha a todos.

A história sempre registrará alguns nomes e apagará outros, mas nenhuma luta é feita só de líderes, como Long demonstrou. No fim, os líderes inflamam, mas todos devem ser o fogo que destrói a ponte entre um passado marcado pela injustiça e um futuro de esperança. Jack Long escolheu ser parte do fogo e, seu exemplo, findou por impactar positivamente os seus filhos.

A obra *The Silence of our Friends* possibilita também uma visualização da complexidade do gênero *Graphic Novels*, que foi por tanto tempo considerado um dos gêneros menores. Talvez, nós, estudiosos da área devêssemos levar a reflexão sobre alteridade para o âmbito dos estudos literários também, afinal, muitas narrativas do gênero são tão ricos em conteúdo quanto visualmente.

## REFERÊNCIAS

A Voz da Alma. **Revista Veja**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king/discursos-eu-tenho-um-sonho-retorica-voz-alma.shtml>. Acesso em: 09 de agosto de 2014.

BARBOSA, Fernanda. Morte de Martin Luther King impulsionou movimento negro nos EUA. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/04/396950-morte-de-martin-luther-king-impulsionou-movimento-negro-nos-eua.shtml>. Acesso em: 09 de agosto de 2014.

BOYTE, H. C.; Kari, N. N. **Meanings of Citizenship - Building America: The Democratic Process**. Disponível em: <http://www.cpn.org/crm/contemporary/meaning.html>. Acesso em: 16 de agosto de 2014.

BRENNER, R. E. **Understanding Anime and Manga**. London: Libraries Unlimited, 2007.

Get off the ground. **The Free Dictionary**. Disponível em: <http://idioms.thefreedictionary.com/get+off+the+ground>. Acesso em: 16 de agosto de 2014.

JEFFERSON, T. **A declaração de independência dos Estados Unidos da América**. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/tecdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>. Acesso em: 16 de agosto de 2014.

LONG, Mark. DEMONAKOS, Jim; POWELL, Nate. **The Silence of our Friends**. New York: First Second, 2012.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002.

MOLAR, Jonathan da Oliveira. Alteridade: uma noção em construção. In: **Anais da V Semana de História**. História: Espaços Simbólicos. – Seminário de estudos étnico-raciais. Irati – PR. UNICENTRO – 16 a 20 de novembro de 2009.

SELF, J. **Civic Responsibility**. Disponível em: <http://learningtogive.org/papers/paper11.html>. Acesso em: 17 de agosto de 2014.